



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381

<https://doi.org/10.33871/23594381.2021.19.2.152-166>

Mulheres pescadoras de camarão: gênero, trabalho e subsistência em Curralinho, Marajó/PA

Rodrigo Moreira Vieira, Doutor em Ciências Sociais e Professor do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Pará (IFPA), campus Breves
rodrigo.vieira@ifpa.edu.br

Ana Célia Barbosa Guedes, Graduada em História, mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Pará. Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará-IFPA.
anacelia.guedes@ifpa.edu.br

Resumo: Este artigo trata do trabalho de mulheres em atividade pesqueira no município de Curralinho, Marajó, Pará, sobretudo quanto às experiências das pescadoras artesanais de camarão. A metodologia utilizada foi a história oral e pesquisa bibliográfica. Entre setembro de 2019 e janeiro de 2020, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para coleta de dados com algumas moradoras do município que permitiram ter acesso às informações para uma análise quanto aos papéis por elas desempenhados na pesca artesanal. A pesquisa revelou que as mulheres pescadoras se destacam na produção do camarão neste município por possuírem conhecimento tradicional sobre os locais, períodos e os instrumentos necessários para pesca. Assim, elas são de suma importância para o desenvolvimento desse tipo de pesca no município pesquisado, pois participam de todo processo de produção, desde a construção dos instrumentos de pesca até a comercialização, além de executarem outras tarefas como agricultoras, domésticas, entre outras.

Palavras-chaves: Mulheres. Trabalho. Pesca artesanal. Ribeirinhas. Marajó.

Shrimp fishing women: gender, work and subsistence at Curralinho, Marajó/Pará/Brazil:

Abstract: The article deals the female work on fishing activity at Curralinho city, Marajó, Pará, especially regarding the female artisanal experiences on shrimp fishing. The methodology used was the oral history and bibliographic research. Between September 2019 and January 2020 semi-structured interviews were conducted to the data collect with some Curralinho female residents who allowed the production of data to an analysis about the functions performed by them on the activity mentioned. The research revealed that the fishing females stand out on shrimp production at Curralinho because they have traditional knowledge about the locals, periods and the necessary instruments to fishing activity. Thus, they are very important to the artisanal fishing development at the city researched, as they participate of all production process, since the construction of instruments to the commercialization. In addition, they execute other tasks as farmers, house working, among others.

Keywords: Female. Work. Artisanal fishing. Riverside. Marajó.

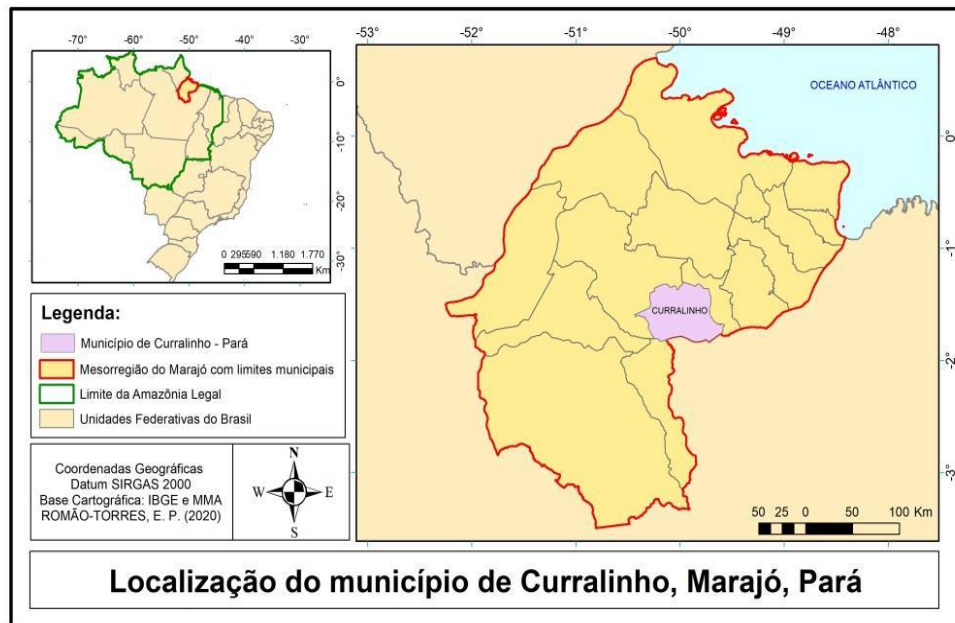
Introdução

Este artigo apresenta reflexões desenvolvidas no âmbito de uma pesquisa realizada com alunos(as) do curso técnico em Aquicultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Breves durante a disciplina Gênero, Raça e Etnia na Pesca e Aquicultura. A perspectiva aqui é refletir e discutir sobre o trabalho e as funções desempenhadas pelas mulheres na atividade pesqueira no contexto do município de Currealinho, no arquipélago do Marajó, sobretudo quanto às experiências e estratégias das pescadoras artesanais para capturar o camarão. Além disso, procura-se contribuir para destacar a importância da tradição oral para as pescadoras que vivem ao longo dos rios, furos e igarapés no que tange à transmissão dos conhecimentos e práticas que potencializam a atividade pesqueira no município, bem como demonstrar que a pesca está diretamente relacionada ao conhecimento, relações de produção e à relação que elas têm com a natureza.

O trabalho feminino no setor pesqueiro no território marajoara e as técnicas e estratégias desenvolvidas para capturar os peixes e camarões ainda são pouco estudadas se compararmos às pesquisas sobre essa temática acerca de outros territórios. Contudo, importantes trabalhos relacionados a tal objeto vêm sendo publicados principalmente nas últimas décadas do século XX e nos primeiros anos do XXI. Na medida em que novas fontes como relatos orais passaram a ser estudadas, contribuíram para romper com o silenciamento e publicizar as narrativas das mulheres em diferentes setores da sociedade brasileira.

O município de Currealinho está localizado na parte ocidental do arquipélago do Marajó (Mapa 1). A região apresenta matas de igapó e vários rios, igarapés e furos (Miranda Neto, 2005). As mulheres que vivem nesse município desempenham diferentes funções e atividades relacionadas à pesca artesanal.

Figura 1: localização geográfica de Curralinho



Fonte: Essia de Paula Romão, 2020.

O Marajó é um dos maiores arquipélagos fluviomarítimos do mundo, e se localiza na foz do rio Amazonas, além disso, é uma região rica em recursos hídricos e sociobiodiversidade (Costa, 2016). O território marajoara é formado por várias ilhas cortadas por rios, furos e igarapés. Os relatos produzidos durante as entrevistas, como será visto, permitem afirmar que as mulheres marajoaras ocupam funções importantes no interior das relações de produção, assim como na criação e desenvolvimento de elementos das forças produtivas no contexto dessa região. Sendo assim, compõem uma posição nodal nas relações socioeconômicas dos(as) ribeirinho(as) do município de Curralinho.

A pesquisa utilizou como fio condutor os relatos de 5 (cinco) pescadoras artesanais de diferentes faixas etárias que vivem no município pesquisado, os quais foram coletados entre setembro de 2019 e janeiro de 2020¹. Neste artigo, a identidade das mulheres entrevistadas será mantida em sigilo, garantindo seu anonimato e confidencialidade das

¹ Esta pesquisa adotou procedimentos éticos em relação as sujeitas participantes, assim procurou-se obter o consentimento das pessoas que fizeram parte do estudo, bem como sua participação foi voluntária. Desse modo, as pescadoras artesanais que participaram da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual havia a solicitação formal de autorização para a realização da pesquisa.

informações. Utilizou-se como instrumentos metodológicos a pesquisa bibliográfica e a história oral. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para coleta de dados.

Nesse sentido, a pesquisa se apoia na história oral, entendida aqui como uma metodologia investigativa que “[...] dá atenção especial aos “dominados” (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada [...] suas abordagens, dão preferência a uma “história vista de baixo” [...]” (Françóis, 2006, p. 4). A história oral pode ser usada, de acordo com Alberti (2010), como uma fonte para pesquisar a história contemporânea, já que é um procedimento investigativo composto de entrevistas com sujeitos(as) sociais que viveram ou testemunharam acontecimentos que ocorreram no passado ou no presente. Além disso, é um caminho para investigar e compreender o cotidiano, trabalho e tradições de povos que não possuem registro escrito de sua história.

O texto está estruturado em três subtópicos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro foca aspectos conceituais relacionados à pesca artesanal, trabalho e invisibilidade. O segundo versa sobre os instrumentos e técnicas de pesca utilizados pelas pescadoras no Marajó. Por fim, no terceiro, é abordado o modo de vida, as funções e o trabalho desenvolvidos pelas mulheres na pesca artesanal.

Mulheres pescadoras: pesca artesanal, trabalho e invisibilidade

A pesca artesanal é uma atividade tradicional executada pelos povos que vivem na Amazônia desde o período pré-cabralino e corresponde a principal fonte de alimento de muitos(as) ribeirinhos(as) que vivem na região (Palheta et al., 2016). A atividade pesqueira envolve homens e mulheres que se dedicam parcialmente ou exclusivamente à pesca e que, na maioria das vezes, utilizam embarcações de pequeno porte (Isaac & Barthem, 1995).

Na Amazônia, a atividade pesqueira se intensificou a partir da introdução de instrumentos de captura com novas tecnologias, a exemplo dos motores a diesel e caixas de gelo nas embarcações dos(as) pescadores(as) (Mcgrath et al., 1993). Ao longo dos anos o Pará vem se destacando no setor pesqueiro entre os estados da região Amazônica, pois conta com um extenso litoral marinho com 562 km, correspondendo a 7% da costa brasileira (Palheta et al., 2016; Batista et al., 2004).

A participação das mulheres no setor pesqueiro é bastante antiga, principalmente na Amazônia Legal, o que tem sido objeto de estudo de acadêmicos das mais diversas áreas do conhecimento. No entanto, na maioria das vezes, apenas os homens são identificados

como pescadores e as atividades realizadas pelas mulheres são identificadas como ajuda (Furtado, 1993). Tais abordagens não representam a realidade da região, principalmente do arquipélago do Marajó. Elas apenas revelam o imaginário social no qual as atividades produtivas são vistas como de domínio masculino.

Embora a participação feminina nas atividades de pesca representou e representa uma alternativa de subsistência para muitos povos tradicionais existentes na sociedade brasileira (Martins; Alvim, 2016), tal participação foi invisibilizada e desvalorizada tanto por pesquisadores(as) acadêmicos quanto pela sociedade em geral, muitas vezes compreendida com extensão das tarefas domésticas, negando, assim, a importância da sua participação ativa nas diferentes atividades econômicas relacionadas à pesca. Essa seletividade da abordagem que privilegia a ênfase na atividade produtiva masculina e marginaliza ou omite as atividades desempenhadas pelas mulheres prejudica uma análise mais rigorosa e fiel quanto à importância do trabalho feminino nas relações de produção desse e de outros contextos. Conseqüentemente, ao subestimar a importância do papel econômico desempenhado pelas mulheres ribeirinhas, prejudica-se a análise da dinâmica das relações econômicas no interior do setor pesqueiro da Amazônia paraense, com destaque para a região marajora.

Observa-se, que as pescadoras artesanais do município de Curalinho são invisibilizadas no contexto das lutas das mulheres da região marajoara, embora realizem várias atividades na pesca artesanal e na aquicultura, desde a produção dos instrumentos de captura de peixes e camarões até a sua comercialização (COSTA et al., 2020). Portanto, além de serem exercerem força de trabalho, são responsáveis por parte da produção de instrumentos de trabalho, elementos fundamentais das forças produtivas².

Os instrumentos e técnicas de pesca artesanal utilizados em Curalinho, Marajó

O(A) pescador(a) artesanal de subsistência é todo(a) aquele(a) que usa instrumentos (artes de pesca) e técnicas (modalidades) adequadas às condições ambientais, estes(as) pescam o ano todo sozinho(a) ou com seus familiares para suprir suas necessidades básicas alimentares (Nogueira, 2005). Trata-se de uma atividade direcionada ao autoconsumo ou

² Os instrumentos de trabalho, assim como a força de trabalho representam as forças produtivas. As relações de produção correspondem às formas como homens e mulheres desenvolvem suas relações de trabalho e distribuem o processo de produção e reprodução da vida material. (ALTHUSSER, 1999).

de parentes e amigos(as) com o uso de uma canoa simples e aparelhos tradicionais de pesca. (Nogueira, 2005).

Segundo os(as) moradores(as) de Currálinho, o pescado produzido no município, principalmente o camarão-da-Amazônia (*Macrobrachium amazonicum*), representa um dos principais produtos da atividade econômica dos povos ribeirinhos. Nesse sentido, a maioria dos povos que vivem ao longo dos rios como Canaticú, Piriá, Mutuacá, Guajará, entre outros existentes no município de Currálinho tem o pescado e a agricultura familiar como base econômica. Esses povos utilizam transportes simples construídos pelos(as) próprios(as) ribeirinhos(as). Entre os mais utilizados para captura do camarão destaca-se o casco movido a remo e a rabeta (Figura 1).

Figura 1: Rabeta, um dos meios de transporte utilizado pelos(as) ribeirinhos(as) no arquipélago do Marajó, Pará, Brasil



Fonte: Ana Célia Guedes (2019).

Embora de aparência rudimentar, tais transportes são produtos tecnológicos desenvolvidos pelos(as) ribeirinhos(as) para construção e melhoramento das embarcações de modo a conseguirem navegar pelos rios marajoaras ao longo dos séculos. Esses povos tiveram que adequar suas embarcações à largura, profundidade e comprimento dos rios, igarapés e furos existentes no arquipélago do Marajó, ao mesmo tempo em que buscaram desenvolver técnicas que lhes proporcionasse mais rapidez e conforto, a exemplo de motor a gasolina ou a diesel colocados nas canoas.

O matapi (Figura 2), uma armadilha utilizada pelas pescadoras para capturar o camarão-da-Amazônia, é feito de cipó e tala, elementos retirados da floresta próxima aos rios. Apresenta forma cilíndrica e suas extremidades são cones para os quais os camarões

são direcionados. Essas extremidades não apresentam abertura, assim os camarões acabam ficando sem saída.

Figura 2: Matapi



Fonte: Jose Maria Araújo

De acordo com as pescadoras do município de Currálinho, para a confecção do matapi é necessária a retirada de talas (fibras) de jupati, encontradas na floresta. Depois, estas fibras são cortadas em tamanhos diferentes e, em seguida, são amarradas com cipós até chegar ao formato desejado. Esses conhecimentos são transmitidos de geração a geração através da oralidade. Muitas vezes, eles são ressignificados de acordo com a necessidade do grupo social. Nesse sentido, esses povos precisaram inventar e reinventar tecnologias para melhorar a produção e assegurar sua subsistência. Para Freire (1987), tecnologia é uma maneira de afirmação de um determinado grupo social.

A durabilidade do matapi depende do material utilizado na fabricação. Os que são construídos com tala de jupati duram em média seis meses, mas os construídos com talas menos resistentes duram aproximadamente quatro meses (Simonian, 2006). Nesse sentido, a produção desses instrumentos de pesca é contínua, demanda tempo, técnica e habilidade.

No Marajó, a maior parte da captura do camarão-da-Amazônia (*Macrobrachium amazonicum*) é realizada de forma artesanal e envolve o extenso uso da força de trabalho das famílias que vivem ao longo dos rios. Assim, homens/mulheres adultos(as) e crianças participam dessa modalidade de pesca, mas a maioria das tarefas relacionadas à pesca daquele camarão são desempenhadas pelas mulheres.

Além de importância econômica, o camarão também tem importância cultural para esses povos, visto que é elemento frequente em pratos típicos da região como vatapá, caruru e como acompanhamento do açaí. Resultados semelhantes à presente pesquisa foram relatados por Simonian (2006), na ilha de Trambioca, no município de Barcarena, no estado do Pará. A autora descreve que nessa ilha o camarão serve de refeição aos(as) moradores(as) da ilha.

Para capturar os camarões, os(as) ribeirinhos(as) do município de Currálinho constroem as iscas (*poqueca*) que são feitas de farelo de coco babaçu ou de arroz e estes são embrulhados em folhas de cantã ou em sacolas de plástico e amarrados com fibra de miriti ou com as próprias sacolas plásticas, depois aquelas são colocadas dentro do matapi para atrair os camarões. O preparo dessas iscas é, geralmente, realizado pelas mulheres ribeirinhas.

Mulheres pescadoras: modo de vida, funções e trabalho na pesca artesanal

As pescadoras artesanais se encontram no território do município de Currálinho, sobretudo ao longo dos rios, igarapés e furo. A maioria vive da pesca e da agricultura familiar, possuem experiência sobre as técnicas de pesca e domínio da natureza, pois ao longo dos anos aprenderam a lidar com as marés e a navegar nas águas marajoaras. Assim, sabem os períodos em que podem pescar, plantar e colher como bem destacou a entrevistada 1:

Em abril, maio, junho, os três meses que mais tem camarão [...] olha com 120 matapis, eu pego 40 quilos por puxada no dia, então nesses três meses a gente tira duas vezes por dia. Também a gente precisa saber onde colocar eles porque se não a gente não consegue nada. (Entrevistada 1, Ilha do Sapateiro, Currálinho. Janeiro de 2020).

A pesca e a despesca são feitas diariamente e a quantidade capturada depende de quantos matapis ou redes são colocados nos rios e igarapés e quantas vezes essas mulheres despescam durante o dia. Aquela é realizada de acordo com a maré, assim, as pescadoras precisam compreender como ela funciona para poder capturar uma grande quantidade de camarões, principalmente no período relatado pela entrevistada 1.

As mulheres marajoaras, assim como a maioria das mulheres ribeirinhas que vivem no estado Pará, desde criança executam diferentes tarefas importantes à sua subsistência e de seu grupo social, a exemplo de trabalhos no extrativismo animal e vegetal, como ressaltou a entrevistada 3:

Olha, trabalho desde criança, com oito anos comecei com o matapi da minha mãe [...] comecei a fazer o matapi também, porque eu via ela fazer, eu tinha vontade, comecei a fazer também. Com dez anos, já tinha os meus 20 matapizinhos, aí foi só aumentando a minha idade e aumentando os matapis. (Entrevistada 3, Ilha do Sapateiro, Curralinho. Janeiro de 2020).

As meninas aprendem algumas funções observando suas mães, avós, irmãs e tias, assim, quando se dão conta, também estão desenvolvendo as mesmas atividades. Geralmente, as mulheres não trabalham apenas na pesca, pois desenvolvem outros trabalhos como na agricultura, domésticos, entre outros. Nesse sentido, elas acumulam várias funções, ao mesmo tempo em que adquiriram estratégias de lutas e resistências ao longo dos anos. Ou seja, além de ocuparem um papel econômico fundamental no âmbito das relações de produção, ocupam uma função política relevante no interior de sua respectiva comunidade.

O trabalho das mulheres na pesca artesanal em Curralinho alcança todas as etapas da produção, ou seja, preparo dos instrumentos de pesca, captura, beneficiamento e comercialização, conforme se observa no depoimento abaixo:

O matapi, ele é feito com cipó, com nilon e com a tala de jupati. A gente tira a tala do jupati, a gente alimpa [...] corta pra fazer a caixa, a gente chama de caixa. A caixa do matapi a gente chama de parí, né? É o parí, aí a gente corta o menor pra fazer a palheta que a gente talha, tem a talhadeira que a gente chama de funil, pra encaixar nessa caixa ainda tem a fibra que a gente usa e depois de fechado a gente põe o babaçu pra fazer a puqueca lá dentro do matapi e depois põe ele no rio (Entrevistada 1, Curralinho, setembro, 2019).

O relato acima evidencia que a maior parte dos instrumentos de pesca é produzido exclusivamente por essas mulheres, elementos fundamentais das forças produtivas na atividade pesqueira no interior das comunidades. Geralmente, os matapis são iscados com babaçu e depois são organizados na canoa, em seguida são colocados ao longo do rio ou

dos igarapés. Após a escolha do local, cada matapi é amarrado individualmente em estacas colocadas pelas próprias pescadoras ou em árvores, ou qualquer outro objeto que não deixe o matapi escapar durante o tempo que fica nas águas. Depois de algumas horas, as mulheres retornam aos locais onde instalaram seus matapis e os despescam.

Segundo as pescadoras, a despesca deve ocorrer na hora certa. Para tanto, elas precisam saber a hora das marés, das luas e os peixes que podem destruir seus matapis, visto que a quantidade de pescado capturado está diretamente ligada ao conhecimento sobre pesca adquirido ao longo dos anos.

Vale ressaltar que as múltiplas tarefas executadas pelas mulheres na pesca, muitas delas a partir dos conhecimentos tradicionais, permitem ampliar a percepção na utilização dos recursos naturais, pois na maioria das vezes em sociedades tradicionais, são elas que lidam com as dificuldades diárias de suas famílias (Palheta et al., 2016, p.611).

É possível destacar o processo que envolve a produção de instrumentos e de habilidades necessárias ao trabalho invade o processo de desenvolvimento de habilidades humanas. Através desse processo criativo, tais mulheres contribuem para interferir em aspectos naturais e sociais, além de desempenhar um fator importante no procedimento que envolve o conjunto de relações econômicas no interior das comunidades ribeirinhas. A forma de transformação do meio e dos sujeitos presentes nesse contexto por meio do trabalho e, conseqüentemente, a construção do processo ontológico dos envolvidos, depende, em grande medida, da habilidade e ação dessas mulheres nas relações de produção.

Utilizando de Lukács (2011) enquanto autor referência que desenvolve uma análise para pensar a relação entre trabalho e o desenvolvimento de potencialidades humanas, é possível afirmar que o trabalho dessas mulheres ocupa uma função ontológica importante no interior da sua comunidade. A construção das ferramentas de trabalho e de habilidades necessárias para as relações de produção é parte fundamental das forças produtivas, já que são importantes para a atividade econômica e de trabalho no contexto ribeirinho. As condições naturais de sobrevivência impõem sobre os(as) ribeirinhos(as) a necessidade de desenvolver meios para tanto. Tal condição faz com que os envolvidos(as) desenvolvam potencialidades técnicas, intelectuais e sociais que acabam por transformar e potencializar não só os meios de sobrevivência, mas também os próprios sujeitos envolvidos. Ou seja, a condição natural exerce uma mudança na constituição do ser e nas relações sociais dessas mulheres.

Ao modificar e ter domínio sobre determinados aspectos do trabalho, tais mulheres se apropriam do meio e dos recursos naturais transformando-o e, logo, modificam a si, pois passam a incorporar, através do desenvolvimento mediado pelo trabalho, potências técnicas, intelectuais e sociais. Esse acúmulo de conhecimento vai sendo acumulado e construindo novas condições e meios de existência. Eis aí uma relação dialética-ontológica em que tais mulheres desempenham um papel fundamental.

Além disso, o processo de potencializar capacidades humanas só pode ser herdado se houver uma relação entre o conhecimento acumulado e as novas gerações. O fato de essas mulheres serem peça importante no processo de construção e compartilhamento dessa memória acerca do trabalho e das habilidades nele empregadas, permite afirmar que tais trabalhadoras são fundamentais na dinâmica que permeia essa relação geracional presente no contínuo processo de transformação desse grupo³.

O processo de produção dos instrumentos de pesca requer bastante conhecimento, habilidade e técnicas e é um trabalho bastante minucioso, porém para as mulheres marajoaras que já desenvolvem essa atividade há muito tempo os julga como um trabalho fácil e rápido como bem destacou a entrevistada 2: *Olha, se eu sentar mesmo pra tecer, o pari eu teço 40, ai o matapi mesmo pra mim fazer, se eu sentar pra fazer, apronto 10 por dia.* (Entrevistada 2, Ilha do Sapateiro, Currálinho, 2020).

As mulheres marajoaras relataram que, além de pescarem, são as responsáveis pela manipulação e acondicionamento e comercialização dos peixes e camarões como bem destacou a entrevistada 2. *Olha, esse camarão aqui, quando tem comprador que compra frito, né? A gente vende, né? A gente frita e vende. Quando não, a gente descasca a gente aferventa, ai descasca e salga o camarão[...]* (Entrevistada 2, Currálinho, 2020). Uma parte do camarão capturado é consumida pelos(as) ribeirinhos(as), outra, é vendida na própria comunidade ou na feira do município, muitos camarões são comercializados na forma natural ou fritos/salgados. Algumas entrevistadas informaram que pescam e seus maridos realizam a comercialização, outras relataram que são elas mesmas que vendem os pescados tanto na comunidade onde vivem quanto na sede do município, completando assim o ciclo que começa desde a produção dos materiais para pescar até a venda do produto.

³ É importante lembrar que boa parte do conhecimento usado por essas mulheres são herança das populações tradicionais existentes em tal região nos séculos anteriores e que o processo ontológico que tem o trabalho como eixo central é histórico.

Uma grande parte dos camarões é descascada antes de serem fritos, atividade bastante complexa e requer paciência, concentração, dedicação e tempo, e são as mulheres as responsáveis em executá-las. Elas revelaram que no dia chegam a descascar cerca de 30 kg de camarões. O cozimento deste é por elas realizado, o que revela a desigualdade de gênero presente nas relações de trabalho relacionadas à pesca artesanal, pois elas acabam desempenhando mais tarefas que os homens, ainda que suas atividades não sejam reconhecidas como trabalho.

O relato a seguir revela que a maioria das mulheres marajoaras pesca sozinha e desenvolveu sua própria habilidade de pesca que muitas vezes se diferenciam dos homens.

Olha, muitas vezes eu pesco [...] meu pescado é de uma forma e do meu marido é de outra. Eu pesco com matapi para pegar o camarão, e ele pesca com rede de malha, né? Então não dá pra nós dois ir só num casco, ele vai no dele, eu vou no meu. Eu tenho o meu casco, ele tem o dele. Eu tenho meu material, ele tem os dele (Entrevistada 3, Ilha do Sapateiro. 2020).

A fala acima nos mostra que a pesca arsenal propriamente dita não é uma tarefa exclusiva dos homens, pois muitas mulheres também desempenham essa atividade, ao mesmo tempo revela que não são apenas as mulheres que não possuem esposos que executam essas atividades. Ao contrário, a atividade do marido não anula o seu trabalho delas na pesca.

Segundo as mulheres marajoaras, a pesca fica comprometida quando elas estão nos últimos meses da gravidez ou nos primeiros meses após o parto, mas isso não impede que continuem pescando, pois quarenta dias após o parto, elas voltam a pescar, como destacou a entrevistada 4: “*Eu deixava com minha mãe o bebê pequeno e levava quando já era maior de dois anos, eu levava comigo dentro do casco (Entrevistada 4, Comunidade Santa Isabel, Curralinho, janeiro, 2020).* Outras deixam o infante sob a responsabilidade dos(as) filhos(as) mais velhos(as), pois em comunidades rurais, os(as) filhos(as) começam a trabalhar desde cedo nas atividades agrícolas, domésticas, na pesca ou no cuidado dos(as) irmão(ãs) mais jovens. Essas mulheres não pescam apenas camarão, mas também peixes de diversas espécies como bem destacou a entrevistada 5:

Olha, pego vários tipos de peixe, né? Pescada, aracú, jacunda, traíra, piaba que chama de piramutaba, pego tainha, sardinha, [...] pego vários peixes, a gente pega aruanã. Porque numa

malhadeira, tudo que passa pega, né? O peixe que passa por lá vai ficando. (Entrevistada 5, Ilha do Sapateiro. 2020).

As mulheres ainda relataram que não fazem pesca de arrastão, visto que com tal prática os peixes muito pequenos são capturados e acabam morrendo sem se reproduzirem, o que pode causar problemas de escassez de peixes. Isto demonstra a preocupação com os recursos naturais existentes na região.

Diante de todas as habilidades e capacidades referidas que envolvem o processo de trabalho no setor de pesca na região mencionada, é possível assinalar a contribuição das mulheres na construção, manutenção e potencialização de um conjunto de conhecimentos e habilidades que foram e são desenvolvidos no interior dessas comunidades ribeirinhas através do trabalho por elas desempenhado. Afinal, envolve um número significativo de conhecimentos e técnicas, tais como: a observação das variações fluviais, clima, vegetação, comportamento animal, conhecimento sobre diversidade de espécies animais, técnicas beneficiamento e de conservação de alimentos, cálculos matemáticos, gerenciamento de recursos humanos e materiais, comercialização, negociação, sustentabilidade, adaptação geométrica das embarcações em relação à variabilidade das condições naturais, noções sobre diversidade de materiais empregados na construção de instrumentos de trabalho.

Considerações finais

No município de Currealinho, ficou evidente que, por meio da oralidade, as mulheres transmitem e ressignificam saberes e práticas relacionadas à pesca artesanal verificadas nos diferentes aspectos que compõem a atividade pesqueira da região. Assinala-se que as atividades que elas realizam não são apenas uma ajuda ou complemento da renda familiar, mas caracterizam-se como fundamentais para a estrutura socioeconômica do grupo do qual fazem parte. Ao contribuírem para o desenvolvimento e prática da pesca artesanal, as mulheres marajoaras desempenham várias atividades e habilidades, já que a pesca artesanal é uma atividade que requer vários conhecimentos. O constante desenvolvimento técnico e intelectual que atravessa o processo de trabalho contribuiu para o desenvolvimento ontológico não só dessas mulheres, mas da população da qual são parte. Dessa forma, compreender o trabalho das mulheres no setor pesqueiro no município pesquisado é fundamental para compreensão do papel da mulher na vida social

do município e dos respectivos desdobramentos sociais e econômicos das ações por elas realizadas.

O processo ontológico da relação sujeito-trabalho no município de Curralinho está diretamente ligado às condições naturais, assim como ao conjunto das relações sociais de produção que se desdobra a partir de relações econômicas familiares, pois todos membros participam de alguma atividade seja na pesca, na agricultura, no trabalho doméstico, entre outras.

A pesquisa revelou que o trabalho desenvolvido pelas mulheres marajoaras é fortemente marcado por saberes culturalmente herdados de seus antepassados e pelo conhecimento sobre a natureza. Tais saberes relacionam e integram a relação homem/mulher e natureza de forma que contribuem direta/indiretamente para conservação dos recursos naturais existentes na região, bem como para o desenvolvimento de estratégias e tecnologias que auxiliam na atividade pesqueira.

A maioria dos instrumentos de pesca como o matapi, a poqueca, entre outros, são construídos pelas mulheres. Desse modo, a construção das ferramentas de trabalho é parte fundamental das forças produtivas, já que são basilares para a atividade econômica e de trabalho no contexto social ribeirinho.

Em sincronia com a natureza, cada pescadora artesanal, à sua maneira, ao longo dos anos, construiu, em Curralinho, as marcas de suas memórias, histórias e identidades, as quais foram traçadas, agenciadas e alinhavadas a partir das relações estabelecidas com seus grupos sociais, com o ambiente natural, com, por exemplo, os rios e igarapés. Mulheres que desempenharam e desempenham todas as atividades relacionadas ao setor pesqueiro, ou seja, desde a produção dos instrumentos de pesca até a comercialização do produto. Além disso, executam outras atividades na agricultura familiar, no extrativismo vegetal para seu bem estar e de seu grupo social, além de contribuir para o contínuo desenvolvimento das relações de produção, forças produtivas e conhecimentos técnicos em torno das atividades que envolvem a pesca.

Referências

ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, C.B. (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

- BATISTA, V.S.; ISAAC, V.J.; VIANA, J.P. Exploração e manejo dos recursos pesqueiros da Amazônia. In: RUFFINO, M. L. **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira**. Manaus. 2004. p. 63-152.
- COSTA, E. M. Dos indígenas, os artefatos: a história dos povos indígenas do Arquipélago do Marajó, PA. **Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade**. Número Especial 18b – 03, p.144-154, 2016.
- COSTA, F. P.; SILVA, F. N. L.; GUEDES, A. C. B.; PASSOS, P. H. S.; MENDONÇA, R. C.; OLIVEIRA, L. C. Mulheres na aquicultura: um estudo de caso no arquipélago do Marajó, Brasil. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.
- FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO, L. G. **Pescadores do rio Amazonas: estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: MPEG. 1993.
- LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ISAAC, V.J.; BARTHEM, R.B. Os Recursos Pesqueiros da Amazônia Brasileira. In: **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia**, 1995. p.p 11: 295-339.
- MARTINS, M. L. S.; ALVIM, R. G. Perspectivas do trabalho feminino na pesca artesanal: particularidades da comunidade Ilha do Beto, Sergipe, Brasil. In: **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 2, maio-ago. 2016.
- MCGRATH, D.; CASTRO, F.; FUTEMMA, C.; AMARAL, B.D.E CALABRIA, J. Fisheries and the evolution of resource management on the Lower Amazon floodplain. **Human Ecology**. 1993, pp .167-95.
- MIRANDA NETO, Manoel José de. **Marajó: desafio da Amazônia – Aspectos da reação e modelos exógenos de desenvolvimento**. Belém: EDUFPA. 2005.
- PALHETA, M. K. S.; CAÑETEI, V. R.; CARDOSO, D. M. Mulher e mercado: participação e conhecimentos femininos na inserção de novas espécies de pescado no mercado e na dieta alimentar dos pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá (PA). In: Bol. Mus. Para. **Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 3, p. 601-619, set.-dez. 2016.
- SIMONIAN, L. T. L. Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Belém, 2006.